

REVISTA LUSITANA

NOVA SÉRIE

2

FUNDADA
POR
JOSÉ LEITE DE VASCONCELLOS



INSTITUTO NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA
LISBOA
1981

REVISTA
LUSITANA

Arquivo de Estudos Filológicos e Etnológicos Relativos a Portugal

CENTRO DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS
INSTITUTO NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

Publicação semestral

DIRECTOR

LUÍS FILIPE LINDLEY CINTRA

SUBDIRECTORES

MANUEL VIEGAS GUERREIRO
MARIA DE LOURDES BELCHIOR PONTES

SECRETÁRIO

JOÃO DAVID PINTO CORREIA

A matéria dos artigos publicados é da responsabilidade dos autores

Toda a correspondência relativa a colaboração e permuta deve ser dirigida a
REVISTA LUSITANA / Centro de Estudos Geográficos / Faculdade de Letras de Lisboa
Cidade Universitária / 1699 LISBOA Codex (Portugal)

REVISTA LUSITANA

NOVA SÉRIE

2

FUNDADA
POR
JOSÉ LEITE DE VASCONCELLOS

INSTITUTO NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA
LISBOA
1981

GIL VICENTE E OS MOTIVOS POPULARES:
UM CONTO NA «FARSA DE INÊS PEREIRA»

M. VIEGAS GUERREIRO
Lisboa

É escusado dizer que continuam obscuros muitos passos da obra vicentina e que alguns juízos definitivos a seu respeito se não têm emitido por desconhecimento da vida do seu autor.

Não sabemos onde nasceu e só que por volta de 1460, e que terá morrido depois de 1536, data em que se representou a sua última peça, a *Floresta de Enganos* (1). O que, porém, a obra nos autoriza a afirmar é que seu berço é plebeu e camponês. «Homem do campo e não da cidade foi ele», assevera Braamcamp (2).

O palco onde as comédias se representam arma-se na Corte, mas o lugar de acção é frequentemente o campo. E, ainda quando, descuidadamente, supomos pisar chão urbano, é em burgo rural que nos encontramos. Isso mesmo acontece na *Farsa de Inês Pereira*, em que se centra o nosso estudo. A casa da burguesinha Inês tem uma *parreira à porta*. Di-lo o atoleimado do Pero Marques, quando a procura:

.....
Não sei onde mora aqui...
olhai que me esquece a mi!...
eu creio que nesta rua...
Esta *parreira* é sua.
Já conheço que é aqui (3).

(1) BRAAMCAMP FREIRE — *Gil Vicente, Trovador e Mestre da Balança*. Lisboa, Revista *Ocidente*, 1944, 2.ª edição, pp. 319, 320; ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA — *História da Cultura em Portugal*. Lisboa, Jornal do Foro, fasc. 23, p. 245.

(2) *Op. cit.*, p. 47.

(3) Transcrição da Edition critique de l'«Auto de Inês Pereira», por I. S. RÉVAH, tomo II das *Recherches sur les œuvres de Gil Vicente*.

A alcoviteira Lianor Vaz, fingindo-se aturdida e indignada com o atrevimento de um clérigo libidinoso, exclama:

.....
 Vinha agora pereli,
 ò redor da minha vinha,
 e um clérigo, mana minha,
 Pardeos! lançou mão de mi ⁽⁴⁾.

A mãe de Inês conta igualmente um caso seu:

.....
 Assi me fez dessa guisa
 outro, no tempo da poda ⁽⁵⁾.

E Lianor remata com:

.....
 Eu me irai ao Cardeal

 e contar-lhe-ei a aventura
 qua achei no meu *olival* ⁽⁶⁾.

E Vidal, judeu casamenteiro, que conhece as ambições de Inês, adverte-a de que o marido que busca não o achará na aldeia rural onde vive, mas na Corte:

O marido que quereis,
 de viola e dessa sorte,
 não no há senão na Corte,
 que cá não no achareis ⁽⁷⁾.

ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA ajuda-nos nesta ideia, quando escreve: «...Gil Vicente observava a realidade social da sua época a partir da Corte e *com janelas viradas para o campo...* Dir-se-á que o país é constituído por *uma Corte dentro do*

Lisbonne, 1955, p. 138. A publicação é da Bibliothèque du Centre d'Histoire du Théâtre Portugais e saiu do *Bulletin d'Histoire du Théâtre Portugais*, vols. III, IV, V (1952-1954).

⁽⁴⁾ *Ibidem*, p. 131.

⁽⁵⁾ *Ibidem*, p. 131.

⁽⁶⁾ *Ibidem*, p. 132.

⁽⁷⁾ *Ibidem*, p. 146.

campo...É verdade que o campo é visto ao redor da Corte, como seu ambiente e que, normalmente, os rústicos só se tornam visíveis quando vão à Corte e à Cidade... Onde quer que entra, o camponês torna-se principal centro de interesse e empolga a atenção do espectador» (8).

Eu preferiria dizer que o nosso poeta levou o campo para dentro da Corte. E, se bem que morador nela, foi permanente seu trato com a vida rural portuguesa.

Evocações de infância e adolescência não dão para explicar o acervo de pormenores campestinos que avolumam nos seus autos. É mais fácil se torna entender isso, se nos lembrarmos de que a Corte estava continuamente mudando de pouso: Paços de Alcáçova, de Santos, da Ribeira, o Mosteiro de Odivelas, o de Enxobregas, em Lisboa; Almada, Évora, Almeirim, Coimbra, Chamusca, Barreiro, Montemor-o-Novo, Alcochete, Lavradio, Palmela, Alvito, Setúbal, e não os digo todos, e Gil Vicente acompanhá-la-ia. E, fora disso, não era seu prisioneiro: prega um sermão em Abrantes, escreve uma carta de Santarém; e em quantos mais lugares não terá estado? E não nos esqueçamos também de que, por esses tempos, o país era pouco povoado.

O censo de 1527 dá-lhe pouco mais de um milhão de habitantes, que residiam, quase todos, nas cidades, vilas e aldeias. Em volta destas, campos de cultivo, e depois terras desertas, inçadas de brenhas, charnecas e fragas. O país tinha toda uma feição rural e nem Lisboa se lhe eximia. Dentro da muralha fernandina não faltavam encostas povoadas de olival e vinha e hortas pelos vales e quintais. Uma provisão de D. Manuel, de 16/12/1500, «manda derribar todos os olivais dentro do recinto muralhado», como convinha à famosa capital do Reino. E fora, pelos arrabaldes, quintas de nobres e propriedades anexas aos conventos (9). Ainda hoje pelas encostas do Castelo e Alfama se alteiam hortas verdejantes.

Em qualquer lugar que estivesse, a Corte tinha efectivamente as «janelas viradas para o campo».

(8) *Ibidem*, fasc. 23, pp. 268-271.

(9) A. DE SOUSA SILVA COSTA LOBO — *História da Sociedade em Portugal no Século XV*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1903, pp. 63-243; JÚLIO DE CASTILHO — *Lisboa Antiga*. Vol. I, pp. 25-67.

E ainda a respeito da ruralidade de GIL VICENTE digamos que talvez mereça mais crédito do que aquele que até hoje lhe tem sido dado o que de si próprio diz, com a modéstia e formalidade que a situação exigia, na epístola em que dedica suas obras a D. João III: «Pois *rústico peregrino* de mi que espero eu?».

Nascido na aldeia, viveu uma boa parte de sua vida na Corte, ajudado do favor da Rainha Velha, D. Leonor (viúva de D. João II), de D. Manuel e de D. João III. Uma longa existência que cobriu quatro reinados: tinha mais de 20 anos, quando faleceu D. Afonso V e ainda viveu cerca de 19 anos sob D. João III.

Satisfazendo o gosto de D. Leonor e dos soberanos parece que a principal ocupação de GIL VICENTE foi preencher os serões da Corte com os seus autos. E a substância deles, por autêntica, não podia ser outra senão o que nela observava e da qual profissionalmente dependia, e a mundivivência popular e camponesa de onde vinha e a que sempre se conservou fiel.

Compunha para um público áulico e este tinha de constituir sua dominante linha de rumo e aí recrutava parte de seus personagens — fidalgos, escudeiros, eclesiásticos, e, em função deles, os do mundo exterior que, sem excessivo artifício se lhes pudessem articular, e vêm, então, em primeiro plano, camponeses, moças burguesas e o cortejo de outras figuras que se lhes podiam associar, como judeus, o baixo clero, alcoviteiras, regateiras, bruxas, ciganas e as alegorias com que, poeticamente, exercia a sua predicação religiosa e moral ⁽¹⁰⁾.

Mas a obra literária não se cria apenas com privilegiada inteligência, aguda capacidade de observação, talento ou génio; a estes pouco comuns atributos hão-de juntar-se as regras de arte que lucidamente os utilizem. Com tais ingredientes pode o artista popular, iletrado até, elaborar já obra de mérito, de reputação universal. É o caso comum dos poetas populares, dos imaginosos narradores de contos, dos profetas, dos hábeis homens de virtude. Mas GIL VICENTE, para além de tudo isso, pôde enriquecer e desenvolver o seu mundo intelectual e sentimental com abundante informação livresca. Não sabemos

⁽¹⁰⁾ A. JOSÉ SARAIVA — *Op. cit.*, fasc. 23, pp. 261-270.

quem o ensinou, mas, sem dúvida, que não foram os humanistas, já que o seu latim não é o clássico, e o que sabe da cultura greco-latina não lhe vem por essa via. Frequentou, talvez, escola conventual ou episcopal, se o não ensinou um bom abade muito erudito na ciência tradicional.

O que, de qualquer modo, se verifica é que GIL VICENTE maneja, com à-vontade, o seu latim de Igreja, instrumento que lhe serviu para as vastas leituras que fez de textos eclesiásticos, como os da *Sagrada Escritura* e *Horas do Breviário*, a que juntou, seguramente, as de outras e muitas obras peninsulares (11).

Não se pense, contudo, que são estes os materiais que mais aproveitou. O que constitui sua principal riqueza é sim o vasto mundo das tradições populares, costumes e crenças, a literatura, a música e a dança. Foi no espectáculo da vida, na experiência do quotidiano, que encontrou a sabedoria com que nos deslumbra. E é por este caminho que ele se pode incluir entre os nossos humanistas mais autênticos, em cujo percurso não teve a encaminhá-lo ou a desencaminhá-lo a pesada mão de Horácios ou de Virgílios. Como os homens de acção do seu tempo, ele sabia bem que

Sobre quantos mestres sam
experiência dá lição (12).

À opulenta e valiosa informação etnográfica, contida em GIL VICENTE, já se refere GOMES MONTEIRO, na edição que do poeta publicou, em 1834, de colaboração com BARRETO FEIO (13). E análogo juízo confirmam e ampliam TEÓFILO BRAGA, ADOLFO COELHO, D. CAROLINA MICHAËLIS, BRAAMCAMP FREIRE, LEITE DE VASCONCELLOS, JOSÉ JOAQUIM NUNES, AUBREY BELL, para citar só nomes grandes do fim do século passado e primeira metade deste. Mas são, em regra, afirmações de gene-

(11) Leia-se a magistral «Nota vicentina IV» de D. CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS, in *Notas Vicentinas*, Lisboa, Revista *Ocidente*, pp. 149-507.

(12) Edição crítica da *Farsa de Inês Pereira* já citada, fala de Lianor, p. 166.

(13) Ver J. LEITE DE VASCONCELLOS — *Etnografia Portuguesa*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1933, vol. I, p. 152.

ralidade, embora fundadas em perfeito conhecimento das peças vicentinas. E os estudos, que, neste domínio, se têm feito, constituem mais recolha e publicação de espécimes do que análise aprofundada deles: TEÓFILO BRAGA extracta e publica provérbios ⁽¹⁴⁾; ADOLFO COELHO superstições ⁽¹⁵⁾, JÚLIO DE CASTILHO os «Versos líricos ou fragmentos de canções...» (texto oferecido a MENDES DOS REMÉDIOS, que o publica no tomo III da sua edição das *Obras de Gil Vicente*), que BRAAMCAMP FREIRE completa «...designando a ocasião e o motivo que deram lugar à entrada das canções nos autos» ⁽¹⁶⁾.

O amplíssimo aproveitamento que o nosso dramaturgo faz dos diversos aspectos da cultura do povo português tornam a sua obra campo fecundo de trabalho, uma como grande região etnográfica, aberta à pesquisa de diversos especialistas, que, constituídos em equipa, poderiam até elaborar um esboço de monografia etnográfica, crónica significativa da vida quotidiana em Portugal nos séculos XV e XVI.

Um domínio particularmente sensível à pouca atenção que modernamente lhe tem sido dada é o da função da literatura popular no teatro vicentino. Por essa via se explicariam passos obscuros, se daria a outros interpretação diversa e até se veria a nova luz a tessitura de alguns dos seus autos. Estou a pensar, especialmente, no modo como utilizou contos populares. E é este, fundamentalmente, o tema do artigo que componho. O domínio da investigação não é novo, já se lhe aplicou, com autoridade e êxito, VASCONCELLOS ABREU no esclarecimento que trouxe ao episódio de Mofina Mendes, no *Auto dos Mistérios da Virgem*, mais conhecido por *Auto de Mofina Mendes*. GIL VICENTE retomou, a seu modo, e com a habitual mestria, o conto de *Calila e Dymna*, que terá lido no *Directorium vitae humanae, alias parabola antiquorum sapientum*, traduzido do hebráico para latim por João de Cápua, judeu convertido ao Cristianismo e na tradução castelhana, inserida

⁽¹⁴⁾ *Revista Lusitana*, vol. XVIII, p. 52 e segs.

⁽¹⁵⁾ *Etnografia Portuguesa. Costumes e Crenças Populares*, p. 19 e segs.

⁽¹⁶⁾ *Gil Vicente, Trovador e Mestre da Balança*, Lisboa, Revista Ocidente, 1944, 2.ª edição, pp. 499-516.

no *Libro de Patronio ou Conde Lucanor*, publicado por Dom JOÃO MANUEL, sogro de D. Pedro I (17).

O que agora se pretende trazer ao leitor é a utilização de outra história tradicional por GIL VICENTE na *Farsa de Inês Pereira*.

Escreve LEITE DE VASCONCELLOS que GIL VICENTE é ...o escritor português que mais comunicou com a tradição oral» (18), e esta comédia é vivo exemplo da asserção. Seu ponto de partida é já um prólogo popular. Lê-se no anúncio que precede o auto, na edição em *folha volante*, que se tem por «mais completa e perfeita» que a da *Copilaçam de todas as obras*, organizada e dada à estampa por Luís Vicente, filho do poeta, em 1562, que «O seu argumento he hum exemplo comum que dizem: mais quero asno que me leve, que cavallo que me derrube». Ora acontece que o argumento da *Copilaçam* conta que alguns «homens de bom saber» duvidavam de que GIL VICENTE fosse o autor das peças que se representavam na Corte e para o meter em trabalhos lhe deram como tema a desenvolver o referido provérbio. Há quem não acredite nesta quesília com os «homens de bom saber» e tenha por inventada por Luís Vicente esta alusão a invejosos e despeitados (19). Com desafio ou sem ele o facto é que o genial dramaturgo realizou com *Inês Pereira* uma das obras-primas do seu teatro.

Na *Farsa de Quem tem Farelos*, apurara o tipo de escudeiro «fanfarrão e pelintra» e esboçara o da rapariga burguesa pobre, de baixa condição, que só queria casar com homem «avisado», bem falante e tangedor de viola. Aqui os temos, de novo, no escudeiro Brás da Mata e em *Inês Pereira*. Inês que se sente oprimida e envergonhada sob o peso da costura e se quer afidalgar pelo casamento, repudia o bom partido de Pero Marques, camponês «rico e honrado», mas um tanto tolo e desajeitado, que lhe trazia a alcoviteira Lianor Vaz.

Recorre, então, a judeus casamenteiros que lhe recomendam um escudeiro à medida dos seus sonhos. Não ouve as advertências da mãe e de Lianor e, renunciando a casamento de

(17) G. DE VASCONCELLOS ABREU — *Os Apólogos e Fábulas da Índia; Influência Indirecta no Auto de Mofina Mendes de Gil Vicente*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1902.

(18) *Ensaio Etnográfico*, II, p. 200.

(19) Ver I. S. RÉVAH — *Op. cit.*, p. 77.

conveniência, casa com o escudeiro Brás da Mata. E adeus sonhos de grandeza e de vida de corte; o mentiroso e pelintra Brás da Mata encerra-a em casa e nem à janela a deixa assomar, nem à Igreja a deixa ir. É este o *cavalo que a derruba*. Mas sua mortificação vai ter fim. O marido abala para a guerra de África e, sobre pobre, poltrão, morre às mãos de um mouro, quando fugia do campo de batalha. E aí temos novamente Inês livre e feliz. Não buscará mais homem «sabido», mas manso e que ande a seu mandado.

Torna Lianor com Pero Marques, que Inês aceita e a deixará fazer quanto quiser.

Aparece-lhe, então, um antigo apaixonado, que se diz por ela ermitão e logo combinam entrevista. E é o parvo do Pero Marques que, contente, a leva às costas ao encontro do amante. E carrega ainda com mais duas lousas. Aqui está o *asno que a leva*, parte do auto em que Gil Vicente aproveita o referido conto tradicional, que hoje corre com o nome de *Domingos Ovelha*. Antes, porém, de o situarmos na textura do auto, contemos como se chegou a esta pequena novidade.

Em Pitões das Júnias, aldeia de montanha do concelho de Montalegre. Corria o mês de Abril de 1978, frio e chuvoso como poucos. A um fogo que se queria extinguir como os pesados 80 anos da tia Tchuleira, que o ateava, mal nos aquecíamos, eu, o tio Eusébio e a velha. Desta não tirava eu nada, no meu ofício de folclorista; só lembranças soltas e gostosas de sua juventude de serviçal, em Lisboa. O tio Eusébio de Araújo, de setenta e tantos, adoentado, ficava-se na negativa, não sabia nada.

— Uma anedota, ao menos, tio Eusébio.

— Lembro-me duma, veja lá se presta, contou-me meu pai, que a ouviu a um pastor galego, quando andava com a *fazenda* na Mourela. Aqui vai:

Um home desconfiava da mulher com o abade; o abade era galego. Isto foi na Espanha que aconteceu, isto na Espanha. A mulher era atão amigada com o tal abade. E o home desconfiava; lá le disseram que a mulher que le andava amigada com o abade. Ele ralhou à mulher:

— Olha, tu andas amigada com o abade.

— Ai, conho, tu num digas isso, que eu levo-te lá à frente dele.

Ela, depois, agarrou-o, levou-o, mas o abade não descobria, que era à vista da mulher dele. Agarrou-o, levou-o à frente dele:

— Senhor abade, diga ao meu home que eu ando amigada com o senhor, pois olhe, diga aí diante da cara dele.

— Ah mujer, tu vens com uma coussa d'essas?

E agarrou-o. O abade deu fraca resposta ao home, que era mintira, que isso era uma trampillice. E vai a mulher:

— Ai home, ai Domingos, vês como isso é mintira, o que tu dizes, o que tu inventastes! Agora tu és Domingos Ovelha com o corno retorcido por trás da orelha.

Já le foi tratando que tinha os cornos que já le retorciam por trás das orelhas.

Depois agarrou, vieram-s'imbora.

— Olha, o senhor abade já te deu a resposta; que tu te podes ir arrendo com ela.

Vieram-s'imbora, tchigaram ao meio do caminho, encontraram uma lousa no caminho.

— Ai, Domingos, tá tchli uma pedra tão bonita p'ra atcharmos uma bola im cassá. Eu levava-a, mas tu não levando a mim e à lousa, e à pedra.

— Conho, atão vou tcha pôr às costas.

Agarrou, pô-la na mulher, pôs a pedra às costas, em cima da mulher e o home torna a agarrar na mulher e vai com a mulher às costas. Tchigaram mais adiante um pedaço e diz:

— Ai, conho, mujer, tu, agora, perras-me munto!

— Ai Domingos, isto são tchi coussas, tu levas-m'a mim e eu levo as lousas.

As coincidências são claras, mas se não fora o acidente das lousas e o comentário da mulher:

— Ai, Domingos, isto são tchi coussas.

Tu levas-m'a mim e eu levo as lousas,

podia bem não me ter corrido a identificação. E isso aconteceu-me, em 1965, quando recolhi uma variante deste conto, em Querença, concelho de Loulé, na beira-serra algarvia. Faltam-lhe os mencionados factos (20).

(20) Maria Aliete Galhós, minha colega de investigação na Linha de Acção n.º 4 de *Recolha e Estudo de Literatura Popular*, do Centro de Estudos Geográficos do INIC, por cujas mãos passa a matéria literária a arquivar, deu, do mesmo modo, pela coincidência e informou-me de que possuíamos ainda outras variantes do mesmo conto, sem a peripécia reveladora das lousas. Machado Guerreiro, Alda e Paulo Soromenho, da mesma Linha de Acção, colaboraram também no achar dessas variantes. E eu vim a recolher outra na Anadia.

A narrativa de Pitões é bilingue, de origem galega, e, buscando eu em colecções de contos populares galegos e castelhanos uma variante da história, fui encontrá-la nos *Contos Populares da Província de Lugo*, publicados pelo Centro de Estudos Fingoy, Vigo, Editorial Galaxia, 1972, 2.^a edição (a 1.^a é de 1963), a pp. 51, sob o título de «Xan e Marica de camiño».

XAN E MARICA DE CAMIÑO

Unha vez, aló noutros tempos, cando non había coches, había un matrimonio. Da súa casa, foron a Lugo. El chamábase Xan i ela Marica. Cando viñeron pra casa, Marica cansábase, e díxolle a Xan que a trouguese ao lombo, e Xan trónxoa. Esí que anduvo un cachiño, dixo Marica:

— Ai, Xan, elí hai unha lousa pra tapar o noso pote —. E baixouse por ela.

E despóis, volvéuse a subir a Xan, e Xan foi andando outro cacho. Díxolle Marica a Xan:

— Ai, Xan, elí hai outra lousa. Vale para o noso pucheiro —. E volvéuse a baixar. Esí que a colléu, volvéuse a subir.

Esí que anduvo outro cacho, díxolle:

— Ai, Xan, de Dios están as cousas:

Tu levarme a mim, i eu levar as lousas.

Embora incompleta, a variante filia-se em uma mesma tradição e torna ainda mais evidente, se é possível, o referido aproveitamento. Transcrevamos da mencionada edição crítica todo o episódio vicentino:

Vem um ERMITÃO a pedir esmola, que em moço lhe quis bem, e diz:

Señores, por caridad,
dad limosna al dolorido
ermitaño de Cupido,
para siempre en soledad,
pues su siervo soy nacido.
Por exemplo
me metí en su santo templo,
ermitaño en pobre ermita,
fabricada de infinita
tristeza en que comtemplo;

Adonde rezo mis horas,
 y mis días y mis años,
 mis servicios y mis daños;
 donde tú, mi alma, lloras
 el fin de tantos engaños.
 Y acabando
 las horas, todas llorando,
 tomo las cuentas una a una,
 con que tomo a la Fortuna
 cuenta del mal en que ando,
 sin esperar paga alguna.

Y así, sin esperança
 de cobrar lo merecido,
 sirvo allí mis días Cupido
 con tanto amor sin mudança
 que soy su santo escogido.
 O señores,
 los que bien os va d'amores,
 dad limosna al sin holgura
 que habita en sierra oscura,
 uno de los amadores
 que tuvo menos ventura.

Yo rogaré al dios de mí,
 en quien mis sentidos traigo,
 que recibais mejor pago
 de lo que yo recibí
 en esta vida que hago.
 Y rezaré
 con gran devoción y fe
 que Dios os libre d'engaño;
 que esso me hizo ermitaño,
 y para siempre seré,
 pues para siempre es mi daño.

- Inês. Olhai cá, marido amigo,
 eu tenho por devação
 dar esmola a um ermitão,
 e não vades vós comigo.
- Pero. I-vos embora, mulher,
 não tenho lá que fazer.
- Inês. Tomai a esmola, padre, lá,
 pois que Deos vcs trouxe aqui.
- Ermit. Sea por amor de mí
 vuestra buena caridad.

Deo gratias!, mi señora,
la limosna mata el pecado;
pero vos tenéis cuidado
de matarme cada hora.
Devéis saber,
para merced me hazer,
que por vos soy ermitaño,
Y aun más os desengaño,
que esperanças de os ver
me hizieron vestir tal paño.

Inês. Jesu, Jesu! Manas minhas!
Sois vós aquele que, um dia,
em casa de minha tia,
me mandastes camarinhas,
e quando aprendia a lavar,
mandáveis-me tanta cousinha?
Eu era ainda Inesinha,
não vos queria falar.

Ermit. Señora, tengoos servido
y vos a mí despreciado;
hazed que el tiempo passado
no se cuente por perdido.

Inês. Padre, mui bem vos entendo,
ò demo vos encomendo!
que bem sabeis vós pedir!
Eu determino lá d'ir,
à ermida, Deos querendo.

Ermit. Y quando? Inês. I-vos, meu santo,
que eu irei um dia destes,
muito cedo, muito prestes.

Ermit. Señora, yo me voy en tanto.
Inês. (Em tudo é boa a concurusão).
Marido, aquele ermitão
é um anjinho de Deos...

Pero. Corregê-vos esses véos
e ponde-vos em feição.

Inês. Sabeis vós o que eu queria?

Pero. Que quereis, minha mulher?

Inês. Que houvésseis por prazer
de irmos lá em romaria.

Pero. Seja logo sem deter!

Inês. Este caminho é comprido;
contai ùa estoria, marido.

Pero. Bofá que me praz, mulher.

Inês. Passemos primeiro o rio.
 Descalçai-vos. Pero. E pois como?
 Inês. E levar-me-eis ao ombro,
 não me corte a madre o frio.

Põe-se INÊS PEREIRA às costas do marido, e diz:

Marido, assi me levade!
 Pero. Ides à vossa vontade?
 Inês. Como estar no paraíso!
 Pero. Muito folgo eu com isso.
 Inês. Esperade ora, esperade!
 Olhai que lousas aquelas
 pera poer as talhas nelas!

Pero. Quereis que as leve? Inês. Si:
 ùa aqui e outra aqui.
 Oh, como folgo com elas!

Cantemos, marido, quereis?
 Pero. Eu não saberei entoar ...
 Inês. Pois eu hei só de cantar
 e vós me respondereis,
 cada vez que eu acabar:
Pois assi se fazem as cousas.

Canta INÊS PEREIRA:

*Marido cuco me levades,
 e mais duas lousas.*

Pero. *Pois assi se fazem as cousas.*

Inês. *Bem sabedes vós, marido,
 quanto vos amo;
 sempre foste percebido
 pera gamo.
 Carregado ides, noss'amo,
 com duas lousas.*

Pero. *Pois assi se fazem as cousas.*

Inês. *Bem sabedes vós, marido,
 quanto vos quero;
 sempre foste percebido
 pera cervo.*

*Agora vos tomou o demo
com duas lousas.*

Pero. *Pois assi se fazem as cousas.*

E assi se vão, e se acaba o dito Auto.

LAUS DEO.

Note-se que Inês quer as lousas «...pera poer as talhas nelas» e Marica «...pra tapar o pote» e a mulher de Domingos «...pra atcharmos una bola im cassa». Esta última serventia pede explicação e é mais um exemplo de como as histórias se vão modificando, no acidental, consoante os ambientes socio-culturais em que se integram. Ainda não há muito tempo que se cozia, regularmente, em Pitões a *bola* na pedra, que vi em algumas casas, mais estorvando que servindo (ver fot.). O tio António Fernandes contava-me que, há uns 50 anos, só quatro ou cinco lavradores *quentavam* o forno de Inverno, por, em tempo de nevões, ser custoso ir à lenha; os outros contentavam-se com os *bolos na pedra*. «Botavam uma pedra em cima do lume, redonda — a *pedra do bolo* —, a pedra aquecia, viravam-na e punham-lhe a massa em cima e depois endireitavam na pedra para apanhar o lume de frente. Andavam com ela à roda para o calor cozer por todo. Ficavam nos bolos com um dedo ou dedo e meio de grossos». Raros são os que hoje a utilizam.

Na edição de MARQUES BRAGA a pp. 269, nota 15 ao verso da fala de Inês «Sabeis vós o que eu queria?», leio: «há aqui uma história popular, que ainda se contava no Minho há cinquenta anos». A nota é vaga, lacónica, mas curiosa. É pena que se fique no que é, e, de tal modo, que não moveu a crítica a explorar a notícia ⁽²¹⁾.

(²¹) Supunha eu que o conto se conservava inédito entre nós e com esse pressuposto compus o presente artigo. Com ele já em provas, por busca bibliográfica na preciosa e bem elaborada *Bibliografia Analítica de Etnografia Portuguesa* de BENJAMIM ENES PEREIRA, vim a saber que AUGUSTO CÉSAR PIRES DE LIMA recolhera em S. Martinho de Bougado, concelho de Santo Tirso e em S. Simão, concelho de Famalicão, duas versões deste conto de *Domingos Ovelha*, a primeira das quais publicou na íntegra e de outra um fragmento na revista *Lusa*, Ano I, n.º 22, de 1-2-918, pp. 170-173, em artigo com o título de «O adultério na

O conto de *Domingos Ovelha* corre de uma ponta a outra do Continente e conta-se na ilha açoriana das Flores, conforme documentam as versões recolhidas. Não figura nos *Types of the Folk-Tale* de AARNE THOMPSON e nem está inserido no *Motif-Index of Folk Literature* de THOMPSON e podia incluir-se aqui no tema dos *enganos* relacionados com o *adultério* ⁽²²⁾.

Além das versões de Pitões e Lugo pudemos reunir 9 outras, que vão em apêndice. Do exame de seus motivos se fica a conhecer o modo engenhoso como GIL VICENTE aproveitou o conto. Analisemo-los, que vale a pena.

literatura popular». O consciencioso e competente folclorista faz preceder o texto completo deste comentário: «Na minha colecção de tradições colhidas no concelho de Santo Tirso existe um caso interessante, não sei se criação popular, se reminiscência popularizada de qualquer leitura» e acrescenta em nota: «Domingos Ovelha do conto assemelha-se ao Pero Marques da *Farsa de Inês Pereira*). Transcreve em seguida o texto da *Farsa* que vai da fala de Inês, «E levar-me-heis ao hombro» até o fim. Em nota 1 vem um fragmento da versão colhida em S. Simão. Não adianta mais, faltava-lhe nas variantes o episódio das lousas. E pude também averiguar que, mais tarde, um outro estudioso, A. PINTO DE ALMEIDA, recolhera e publicou no *Boletim Douro-Litoral*, da Junta de Província do Douro-Litoral, Porto, 1943, VII, pp. 68-73, uma outra versão, ouvida em S. Veríssimo de Valbom, concelho de Gondomar e uma segunda história do mesmo lugar, que ele teve por nova variante do mesmo conto e que, efectivamente é de outro, em que parte do de *Domingos Ovelha* se integra. O seu tema é também o do adultério feminino. Ambos os textos com menção da peripécia das lousas nos remetem fortemente para GIL VICENTE. E é assim que PINTO DE ALMEIDA, transcrevendo também uma parte final do texto vicentino, dá relevo a essa semelhança, concluindo deste modo: «As anedotas por mim recolhidas demonstram a popularização da *Farsa de Inês Pereira*? Tenho para mim que sim e, se um dia mais elementos colher e o ensejo se proporcionar, voltarei a tratar deste ponto» (p. 73). Já dissemos que esta hipótese não parece de aceitar. E é curioso que PIRES DE LIMA, em nota a esta conclusão de P. DE ALMEIDA, na mesma p. 73, pensa como nós: «Poderiam realmente as cenas de Gil Vicente chegar até ao povo indirectamente, mas o caso é pouco provável. Sucedeu naturalmente o contrário: Gil Vicente, aqui como em muitos outros passos, foi beber à tradição popular». Com esta nota fica a novidade que quis dar de segunda mão. Aproveitam-se e publicam-se as aludidas versões, modificado um pouco o texto inicial deste artigo.

⁽²²⁾ Ver *The Folklore* — New York..., Holt, Rinehart and Winston, 1946, pp. 202-204, 488, 495, 497.

- 1 — Versão galega de Lugo.
- 2 — » de Pitões, concelho de Montalegre.
- 3 — » » Vilar de Perdizes, concelho de Montalegre.
- 4 — » » S. Martinho de Bougado, concelho de Santo Tirso.
- 5 — » » S. Verissimo de Valbom, concelho de Gondomar.
- 6 — » » Vascoveiro, concelho de Pinhel.
- 7 — » » Carvalhal, concelho de Bombarral.
- 8 — » » Torres Vedras.
- 9 — » » Escusa, f. de S. Salvador de Aramenha, c. de Marvão.
- 10 — » » Querença, concelho de Loulé.
- 11 — » da ilha das Flores (Açores).
- 12 — » vicentina.

Elementos fundamentais do conto contidos nestas versões:

A — Uma mulher casada andava amigada com um padre (vv. 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11), com um compadre sapateiro (v. 9).

A1 — Uma mulher casada combina encontro amoroso com um ermitão (v. 12).

B — O padre, ao passar pelo marido, tratava-o por Domingos Ovelha (vv. 3, 4, 5, 6, 8, 10, 11), umas vizinhas tratavam-no do mesmo modo (v. 7) e o compadre sapateiro por Domingues Abelhe (por Ovelhe) (v. 9).

C — Domingos queixa-se à mulher de que o padre lhe chama Domingos Ovelha (vv. 3, 4, 5, 8, 10, 11) e a mesma queixa faz das vizinhas (v. 7) e do compadre sapateiro (v. 9).

C1 — Ouvindo que a mulher andava amigada com o padre, ralha-lhe por isso (v. 2).

C2 — Domingos vai a casa buscar um pau para desancar o padre (v. 6).

D — A mulher finge-se magoada e propõe-se repreender o padre (vv. 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11), o compadre (v. 9).

D1 — A mulher nega o adultério e dispõe-se a levar o marido à presença do padre para que este o dissuadisse do erro em que estava (v. 2).

E — Domingos leva a mulher às costas à presença do abade (vv. 2, 4, 7, 8, 11), do compadre (v. 9).

E1 — Inês vai ao encontro do ermitão, às costas de Pero Marques (v. 12).

E2 — Vão marido e mulher à presença do padre (vv. 3, 5, 6, 10).

E3 — De regresso de Luxo, Xan traz Marica às costas (v. 1).

F — A mulher confirma o adultério no modo como se dirige ao padre (vv. 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11), ao compadre (v. 9).

F1 — A mulher confessa o adultério, quando o nega ao marido, depois de o padre o tranquilizar (v. 2).

F2 — Inês, às costas de Pero Marques, publica, cantando, o adultério (v. 12).

G — Domingos e a mulher, Xan e Marica, de regresso, encontram lousas, Domingos e Xan carregam também com elas (vv. 1, 2, 5); o mesmo acontece a Pero Marques a caminho da ermida (v. 12).

H — Domingos fica tranquilo com o procedimento da mulher (vv. 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11).

H1 — Pero Marques sanciona a infidelidade da mulher sem cair no engano (v. 12).

Se associarmos os elementos do conto conforme as versões obteremos o esquema:

Versão	1 (Lugo)	—	—	—	—	E3	—	G	—
»	2 (Pitões)	A	—	C1	D1	E	F1	G	H
»	3 (V. Perdizes)	A	B	C	D	E2	F	—	H
»	4 (Bougado)	A	B	C	D	E	F	—	H
»	5 (Valbom)	A	B	C	D	E2	F	G	H
»	6 (Vascoveiro)	A	B	C2	D	E2	F	—	H
»	7 (Carvalhal)	A	B	C	D	E	F	—	H
»	8 (T. Vedras)	A	B	C	D	E	F	—	H
»	9 (Escusa)	A	B	C	D	E	F	—	H
»	10 (Querença)	A	B	C	D	E2	F	—	H
»	11 (Flores)	A	B	C	D	E	F	—	H
»	12 (G. Vicente)	A1	—	—	—	E1	F2	G	H1

A história, na sua origem, seria talvez do tipo A, B, C, D, E, F, G, H. Quase repetem este esquema, com 7 elementos comuns, as versões de Bougado, Valbom, T. Vedras, Escusa, Flores; com 6 estão as de V. de Perdizes e Querença; com 5 a de Vascoveiro; com 4 a de Pitões; com 1 as de Lugo e de Gil Vicente. Às de V. de Perdizes e Vascoveiro e Querença faltam os acidentes significativos de *ir às costas* e o das *lousas*, e este último só o temos nas de Lugo, Pitões, Valbom e Gil Vicente, portanto nas de Galiza, Minho e Trás-os-Montes,

sendo a de Pitões ouvida inicialmente a um galego. A de Lugo parece-me ser aproveitamento do conto com exclusão de partes dele. Quererá isto dizer que na região galego-portuguesa, por mais conservadora, se não perdeu a referida peripécia.

A fala, em verso, com que a adúltera simula admoestar o padre, a mais significativa e graciosa das peripécias, é quase igual em S. Martinho de Bougado e S. Veríssimo de Valbom, localidades não muito distantes uma da outra. De notar também a particularidade do tratamento de *abade*, no Norte, e de padre, no Sul.

A variabilidade de motivos que no quadro se observa e outros pormenores que nele se não representam são bem reveladores da capacidade inventiva dos contistas e nisso se avolumará o talento de GIL VICENTE — a sua história é a que mais se afasta do presumível arquétipo —, embora não conheçamos exactamente a matriz que utilizou. E não sabemos igualmente se o conto é de criação popular ou erudita e depois popularizado.

O de que não restam dúvidas é de que estamos diante de uma história muito antiga. E não pode pôr-se a hipótese de lhe ter servido de base o texto vicentino; seria admitir complexa e difícil elaboração, que temos por inverosímil. A dificuldade não resulta de não ter chegado ao povo o conhecimento do auto, porque este, como outros, andaram divulgados em folhas volantes, e citam-se, como exemplos averiguados, o *Auto da Barca do Inferno*, *D. Duardos*, *Auto dos Físicos*, e o *Clérigo da Beira*.

GIL VICENTE trouxe o conto para a sua comédia, mudando o que devia ser mudado de acordo com o seu plano. A uma moça fantasiosa, com pretensões a cortesã, que queria marido «avisado» e bem falante, não ficavam bem amores ilícitos com um guloso abade de aldeia, por isso lhe fingiu um antigo apaixonado, galante e aprimorado na arte de amar, como fidalgo ou escudeiro, que era ou não era. Pinta-o, assim, fadado para sofrer de amor. Ante os enganos e o desprezo de Inês, a quem fielmente servia, fez-se ermitão, para sofrer em silêncio a sua irremediável *coita de amor*. Vive em ermida, devoto de Cupido, como seu santo, amando o próprio amor e por ele morrendo, que o mesmo é que por sua dama.

É um quadro perfeito de amor cortês, com os desenvolvimentos que sofreu o código amoroso trovadoresco. Do morrer de amor se passou ao amor do amor, que é o de Amadis, ao culto do Deus do amor, de Cupido, que aqui se adora em capela, como a Deus Cristão e com este até se confundindo, ou misturando, ora de facto ora na liturgia do culto.

Mas não se fica o ermitão no sublimado culto de Cupido, dado que o que busca é o consolo dos sentidos. Ele até se fizera ermitão na esperança de ver Inês, de receber o pago que queria para a sua paixão. Era o desfecho que Mestre GIL buscava para o seu auto. E Inês não sacrifica, afinal, de todo, o seu ideal de amor. Já tem o lavrador abastado que lhe dará vida folgada, asno que a leve, vai ficar agora com «homem avisado» e bem falante, que a console; só não sabemos se tangia viola. Por outras palavras: *junta o útil ao agradável*, em sossegada prática poliândrica, já que lhe não dá cuidados o manso e simplório Pero Marques. O que canta às cavalitas do marido difere dos versos pitorescos do conto e, pela linguagem, parece de invenção vicentina ⁽²³⁾.

Em resumo e concluindo: GIL VICENTE teve origem plebeia e rural e com esse mundo se manteve sempre em contacto. A longa experiência camponesa juntou a que lhe vinha do ambiente cortesão em que viveu mais de três décadas, parecendo que pouco privou com a burguesia comercial e endinheirada das urbes.

Os materiais com que elabora a sua obra vêm-lhe, sobretudo, destas duas fontes e principalmente da primeira, sem menosprezar os que colhia nas vastas leituras de obras peninsulares de índole acentuadamente religiosa e moral.

É muito rica a informação que nos dá de elementos de cultura popular, que juntos e organizados, constituiriam por si só uma pequena mas significativa *Etnografia Portuguesa*.

Um dos aspectos menos estudados na obra vicentina é a utilização que nela se exhibe da literatura popular. Pouco mais se tem feito do que extractar casos dela. E lembra-se que GIL VICENTE a tal ponto a conheceu e utilizou, que foi capaz

(23) A respeito de «amor cortês» no teatro vicentino leiam-se as páginas 304-310 do fasc. 24 da *História da Cultura em Portugal*, de ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA.

de compor letra e música de várias cantigas e até, obedecendo a todas as regras do género, o belo romance de *D. Duardos e Flérida*, com que fecha a tragicomédia de *D. Duardos*. Tão próximo está dos modelos tradicionais que, divulgado em folhas volantes, passou à boca do povo em Espanha e Portugal, e aqui, em português, de que se conhecem duas versões, uma publicada por GARRETT e outra da ilha açoriana de S. Jorge ⁽²⁴⁾.

É o objecto deste nosso estudo, como se disse, dar mais um passo no conhecimento dessa influência, mostrando como o fundador do teatro português soube incorporar o conto hoje conhecido como de *Domingos Ovelha* na sua *Farsa de Inês Pereira*, seleccionando, adaptando, inventando. E já se viu como e com que mestria o fez. Só mais isto: aquele autêntico e inautêntico pacóvio do Pero Marques, consoante convinha à realidade e à ficção artística teve, talvez, em Domingos a sua primeira origem, se o conto não constituiu mesmo o ponto de partida de toda a efabulação.

⁽²⁴⁾ Ver. C. MICHAËLIS — *Romances Velhos em Portugal*. Porto, Lello & Irmão Editores, 1980, pp. 100, 162, 163.

APÊNDICE

Versão 3, de Vilar de Perdizes:

Havia outra que era também amiga dum padre (se calhar até era o mesmo, num sei). E no fim amigou-se co a mulhéri. E, quando passava pelo homem, dizia-lhe:

— Bom dia, Domingos Ovelha!

(O homem chamava-se Domingos, o homem da mulher).

O homem tanto ouviu aquilo que se chateou. E disse assim pr'á mulhéri:

— Ó mulher, olha qu'o padre chama-me Domingos Ovelha! E eu num quero que me chamem.

— Deixa, que nós vamos-lhe dar um recado!

A saída da missa chamou pr'ò padre:

— Faz favor, atão o senhor diz qu'anda a chamári «Bom dia, Domingos Ovelha» ò meu marido!

— Ai! Eu chamava-lhe isso, mas num era por male. Num fazia isso cum maldade.

— Pois olhe, daqui pra diante o senhor vai-lhe chamári «Corno, Cornelha! Já te são grandes, que te dão volta por trás da orelha!»

M. Glória Bernardes (Glória do Fontes) e Gualdina Enes Gonçalves, 73 e 40 anos, analfabeta e frequência da 3.^a classe de adultos.

Vilar de Perdizes, c. de Montalegre, d. de Vila Real.

Ano de recolha: 25 de Julho de 1975.

Colector: Plano «Trabalho e Cultura». Eq. T/8.

Versão 4, de S. Martinho de Bougado:

«O abade duma freguesia tinha *namôro* com uma freguesa. O marido dela chamava-se Domingos Ovelha. Quando o abade passava por ele chamava-lhe sempre — Ovelha —, e ele arrelivava-se muito com isso e um dia queixou-se à mulher e pediu-lhe que *passasse* uma descompostura ao abade.

Ela disse-lhe que sim, mas que havia de a levar lá (a casa do abade) *a-cavalo*.

Ao outro dia, o homem pegou nela e foi a casa do abade e ela chegou lá e disse:

Ó senhor abade,
 Senhor abadinho,
 Você é bebedor do meu vinho,
 E rompedor dos meus leçóis de linho;
 Chamou a meu *home*

Domingos Ovelha;
 É corno, corninho e cornelha,
 E corno retorcido p'ra trás da orelha (25).

Então o Domingos Ovelha, que era parvo e não percebeu nada, disse:
 — Bonita menina, torna-te a pôr *a-cavalo* e vamos embora (26).

Versão 5, de S. Veríssimo de Valbom:

Coligindo em 1941 elementos para a organização de um trabalho monográfico da freguesia de S. Veríssimo de Valbom, do concelho de Gondomar, do Porto, encontrei uma tradição oral curiosíssima: houve em tempos, na dita freguesia, um casal cujo homem se chamava Domingos. O nome da mulher não o revela a fonte. Um domingo, à saída da missa, estando o dito Domingos no adro da paroquial daquela freguesia, acertou de passar o pároco, da sacristia para a residência, e, ao vê-lo, saudou-o desta forma:

— Olá, Domingos; sempre me estás um Dominginhos de ovelha!...

E, possivelmente, retirou-se após. Chegando a casa, o homem contou à sua *cara metade* a forma por que o havia cumprimentado o senhor abade. Percebendo no dito qualquer intenção malévola, diz-lhe a mulher:

— Ele chamou-te isso? Pois vamos lá hoje falar com ele.

E, preparando-se, meteram pés ao caminho, dirigindo-se para casa do abade, que, segundo o povo, morava numa casa anexa à *Capela de Jesus, Maria e José* ou *Capela nova* ou *Capela da Sagrada Família*, no lugar da Lagoa, de que, também, usa o nome.

(25) Variante colhida em S. Simão (Famalicão):

Regrendo abade,
 Senhor abadinho,
 Senhor rompedor
 Dos meus lençóis de linho;
 Chamou ao meu *home*
 João orelhudo,
 Melhor lhe chamava
 Com cornos e tudo.

(26) O Domingos Ovelha do conto assemelha-se ao Pero Marques da *Farsa de Inês Pereira*.

Inês pede ao marido que vá com ela em romaria à ermida onde se encontra o amante, *hum anginho de Deos*.

«Inês:

E levar-me-heis no hombro,
 Não me corte a madre o frio.

[E transcreve o texto da Farsa até o fim, no edição de 1852].

Chegando ao portão, a mulher levanta a aldrava e, batendo com força, chamou o abade à janela. E, de junto do Domingos, berra-lhe, sem mais tirtte nem guarte:

— «Ó senhor abade, senhor abadinho, comedor do meu toucinho, bebedor do meu vinhinho ⁽²⁷⁾, rompedor dos meus lençóis de linho. Você chamou ao meu homem Dominginhos de Ovelha? Chame-lhe antes corno retorcido por trás da orelha».

Olha-a o homem, como agradecido, e diz-lhe que se lhe monte, que a leva às cavaleiras.

Salta-lhe ela no espinhaço e, aplicando-lhe certamente algum par de pancadas com os calcanhares nos ilhais, à maneira de esporada, partem de regresso perante o abade atónito.

Ao passarem noutro ponto do lugar da *Lagoa*, vê ela umas lousas que lhe agradam.

Descendo do *retorcido*, apanha quantas pode e coloca-as no avental, atado na cinta pelas pontas de baixo. Montada novamente no dorso marital, é claro que o peso aumentou.

E, quando ele se queixava da carga, dizia-lhe ela:

— Tu levas-me a mim e eu levo as loisas;

São coisas, Domingos, são coisas.

E, como, daqui em diante, nada mais revela a fonte, conjecturo simplesmente que tenham chegado a casa: ele extenuado, e ela rindo-se das façanhas ⁽²⁸⁾.

Versão 6, de Vascoveiro:

Um padre era amigo de uma mulher casada e pois a mulher mandou o homem à horta por causa dela ir prò pé do padre e depois encontrou o padre, o homem da tal mulher encontrou o padre, e disse-le assim:

— Adeus! Boa tarde, Senhor Abade.

— Adeus, ó Domingos Ovelha!

E depois de voltar para casa e encontrou a mulher qu'ia ter ò padre e disse-lhe atão:

— Ai, onde é que tu vais?

— Ai, vou a casa ò buscar um pau qu'é para bater ò padre. Chamou-me Domingos de Ovelha. Quero saber s'eu sou Domingos de Ovelha.

⁽²⁷⁾ Estas expressões são talvez alusivas à cõngrua e às ofertas dos fregueses ao abade.

⁽²⁸⁾ O colector não reproduz fielmente o que ouviu, dá redacção sua à história, com o que a deixa maltratada, inautêntica, nela se misturando inadequadamente a feição popular e a erudita. E, sobre isso, introduz-lhe comentários seus, referindo faltas, acrescentando pormenores de sua invenção, de que a acção não carece. E nem lhe faltam, apesar disso, incongruências.

— Anda lá, num precisas de bater ò padre. Quem lhe dá a ralheira sou eu.

Chegou ao pé do padre:

— Viva, ó senhor Abade, Abadorrão,
Bebeu do meu vinho,
Comeu do meu pão,
Prometedor dos meus lençóis
E pai dos meus meninos,
Por que é que chamaste ò meu homem,
Domingos d'Ovelha?
Chamasses-o corno, cornelha
E revirasses-lhe os cornos pra trás da orelha.

— Ai, mulher, que recado deste tu ò padre? Anda cá às minhas costas, que hei-de te levar às cavanecas.

E levou a mulher às cavanecas em conta da roda que deu ò padre.

O informador não deu título a este conto. Serviço Cívico, Plano de «Trabalho e Cultura», Equipa B/1. 6 de Setembro de 1975.

Versão 7, de Carvalhal:

Uma vez andava uma mulher amigada com um padre. O padre não se tirava lá de casa dessa criatura, dessa mulher, e já tinha uma filha, uma menina chamada Joana, e depois chamavam-lhe a Joanita. Depois as vizinhas, está claro, palpitavam que ela que andava amigada com o padre e depois diziam pra ele (ele chamava-se Domingos):

— Ó Domingos, tu tens um barrete que não te está nada de bem!, diziam as vizinhas prò home dessa mulher.

— Ó Domingos, tu tens um barrete que não te está nada de bem!

Ele, tanto as vizinhas lhe diziam aquilo, que um dia disse à mulher:

— Ó mulher, que defeito é que tem o barrete? Todas as vizinhas me dizem que o barrete não me está bem, vê lá se o barrete não é meu!

— Olha, naturalmente se queres apostar, disse-lhe ela, queres tu apostar que é tudo por causa do padre cá vir a nossa casa?! Mas tu vais aí com o barrete assim na mão e quando elas disserem isso, quando elas disserem que tens um barrete que não te está bem, voltas-te com o barrete na mão e dizes: «Há-de entrar e sair cada vez que ele quiser, que é da minha vontade mais da minha mulher». (Sim, queria dizer que o padre entrava cada vez que ele quisesse. «Há-de entrar e sair cada vez que ele quiser, que é da minha vontade mais da minha mulher»). E botas o barrete pela cabeça abaixo (29).

(29) O barrete e suas peripécias são matéria fundamental de um outro conto, cujo motivo é também o do adultério feminino. No 2.º volume de *Contos Populares e Lendas* de J. LEITE DE VASCONCELLOS, coordenados

Um dia tanto andou (que a menina parecia-se com o padre) começaram a dizer que a menina que era tal qual a cara do padre, chamava-se Joanita, chamava-se Joana, mas chamavam-lhe Joanita.

Um dia, ele disse à mulher:

— Agora, chamam-me Domingos de Ovelha! Chamam-me Domingos de Ovelha!

— Ó home, agora diz que o padre que se anda a gabar que a Joanita que é filha dele.

E diziam p'ró padre:

— Ai, Senhor Prior, a menina é a sua cara!

— Pois ela é minha filha, não há-de ser parecida comigo! — dizia-lhe o padre...

E depois ela disse prò home:

— Agora dizem que o padre que diz que a Joanita que é filha dele! Ó home, se tu me levasses lá, quando ele estivesse a dizer missa, à igreja, às cavaleiras, que me levasses às tuas cavaleiras, eu ia lá pregar uma desanda que ele intê ficava com a cabeça à banda!

O home pôs-se logo pronto prà ir levar às cavaleiras, lá à igreja.

— Eu prego-lhe uma desanda que ele fica com a cabeça à banda! Vais ver que desanda que eu lhe passo!

Bem, lá se pôs a jeito de levar a mulher quando estivesse o padre lá a dizer a missa no altar e ele entrar com ela às cavaleiras, agarrada ela aqui, ao pescoço e c'as pernas dela aqui, assim, à cintura dele, pela igreja acima pregar-lhe a desanda ao padre:

Ó Senhor padre,
Cura e curista,
Pai da minha Joanita,
Papão das minhas galinhas,
Estragador dos meus lençóis!
Você que diz que o meu home que é Domingos Ovelha?
Ele é corno e cornelha
E corno torcido
Por detrás da orelha...
Volta marido,
Cara grande, nariz comprido!

Está claro, disse aquilo ao home, o home voltou logo. O home, quando chegou cá à porta da igreja, diz-lhe assim:

por ALDA DA SILVA SOROMENHO e PAULO SOROMENHO, publicados nos *Acta da Universidade de Coimbra*, em 1969, pp. 46-51, vêm algumas versões deste conto. Pensamos que a expressão *enfiar o barrete*, enfiar a carapuça, que a cada passo se ouve, nos veio desta história em tempo em que ela muito se contava.

— Ó mulher, pregaste-lhe das boas! Se ele tiver vergonha, há-de-se sentir!

Rita de Jesus Madeira, semianalfabeta, trabalhadora rural.
Carvalhal, c. de Bombarral, d. de Leiria.
Ano de recolha: Setembro de 1973.
Colector: Michel Giacometti.

Versão 8, de Torres Vedras:

Era uma vez um homem, Domingos, casado e que tinha uma filha. Quando vinha do trabalho, a caminho de casa, passou pela casa do Sr. Prior, dando-lhe as boas tardes. O prior respondeu-lhe:

— Adeus, Domingos Ovelha!

O homem chegou a casa muito admirado e disse para a mulher:

— Sabes, dei as boas tardes ao Sr. Prior e ele disse-me: «Adeus, Domingos Ovelha».

Resposta da mulher, muito indignada:

— Ah! Ele chamou-te Domingos Ovelha? Abaixa-te para me levares às cavalitas junto do prior, que lhe quero dizer umas coisas.

Lá foi o pobre homem com a mulher às cavalitas, chegou ao pé do prior e começou a mulher a dizer:

— Ó senhor cura curica,
Pai da minha Joanica,
Bebedor da minha adega
E rompedor dos meus legóis,
Chamou ao meu marido Domingos Ovelha,
Ele não é Domingos Ovelha,
É Domingos Corno Cornelha
Com um corno retorcido por trás da orelha.
Volta, maridinho.

E foram para casa. No caminho, dizia-lhe o homem:

— Ó mulher, pregaste-lhe um sermão tão bom que foi pena não haver gente para ouvir.

Inês da Costa Lapa, 82 anos, letrada, c. de Anadia, d. de Aveiro. Ouviu a história, quando criança, em Torres Vedras, d. de Lisboa, a uma sua bisavó com 95 anos.
Ano de recolha: Março de 1980.
Colector: M. Viegas Guerreiro.

Versão 9, de Escusa:

O compadre do tocinho

Era me vez me mulher que tinha um compadre —um amante— mas chamévim compadres àqueles homes. E depôs diz ao maride dela todos os dias passav'â porta dele — pôs clar, era vizinhe — e ele sempre pegava com ela. E diz que le dizia assim:

— Ô senhor Domingues Abelhe!

O compadre era sapatêr, tava sempre a trabalhar lá cos martelos e pegava sempre ao home. Ele parecê-l' aquil' já estória e um dia fô dizer à mulher:

— Ê na sê lá, ali o vezinho, cada vez qu'ê passe, sempre pega comigue, sempre me chama senhô Domingues Abelhe. Pra que me chamará ele aquil'? E depôs a mulher diz que disse assim:

— Olha, é qualquer dia dô-l'um recado, com'ele nã spera. E porqu'ê agora stô coxa, porque si pudesse andar já lá ia mesm'agora.

E ele diz-l' assim:

— Ora, se tu queres, amonta-t'aqui às minhas costas, scarrapancha-t'aqui à mê pescoce e vamos lá.

— Olha, tamém dizes bem, home. Vamos lá.

Foi, scarrapachou-se cas pernas aqui pra diante e ele pegava-l' aqui nas mãos e lá fôrim à porta do vezinhe. E chegô lá e diz qu'assomô assim lá pa dente da loja — ele stava a trabalhar lá à frente — e que le diz assim:

— Senhô colega, senhô colega, pai dos mês menines, stragador dos mês lençóis, comedor dos mês tocinhos: vossemecêi chamô o mê home Domingues Abelhe? Ele nã é Domingues Abelhe, é Domingues Cornandelhe. Si esse nome le torn'a voltar.

E volta-se pr'ò home:

— Vamos lá embora, home, pra casa.

E pôs o home, quando lá chegô a casa e diz que le disse assim:

— Ai mulher, que cabecinha tens! Se não fosses tu ele continuava, assim já nã continua.

— Nã continua, nã. Anda lá qu'agora fica-le d'emenda.

Júlia Ramiro Salgueiro, 70 anos, viveu sempre na Escusa e sabe ler.

Escusa, f. de S. Salvador de Aramenha, c. de Marvão, d. de Portalegre.

Colectora: Cândida Baptista.

Ano de recolha: 1967.

(Cândida da Saudade Costa Baptista — *O Falar de Escusa*.

Dissertação policopiada. Lisboa, 1967).

Versão 10, de Querença:

Era um casáli, está claro que nã tinham filhos, não tinham ninguém. O marido era moiráli... tinha um bocadinho de gado.

De forma que o padre era muito amigo deles. Frequentava munto a casa, como era um casal que nã tinha filhos, ia lá e a mulher é claro que apresentava um manjar, o melhor que podia acareári.

Mas o moiralinho saía com o gadinho e andava quaje sempre assim perto da estrada onde o padre passava. E passava ao pé do moiral e ele era Domingos. Passava ao pé do moiráli e ele:

— Adeus, Domingos Ovelha.

Bom, o moiralinho dizia:

— Bom dia, Sr. Prior.

Vinha outro dia, ao passar o Sr. Prior ao pé dele:

— Adeus, Domingos Ovelha.

Ora o moiral parecia-lhe aquilo feio, não achava jeto nenhum ele chamar-lhe Domingos Ovelha.

Um belo dia vem pra casa, diz ele à mulhéri:

— Eh! O Sr. Prior vem aqui, nós hospedamos do melhor que temos im casa, a gente vai-lhe estrelar um ovinho, enfim passa ao pé de mim todos os dias e diz «Adeus, Domingos Ovelha».

Diz ela assim:

— Dexe estar que qualquer dia vou contigo. E vamos andar ao pé da estrada, e quando o Sr. Prior passar, que ele diga Domingos Ovelha, dexa que eu logo lhe passo um correctivo, que ele há-de ficar com a cara ao lado.

Bom, o pobre do Domingos Ovelha munto satesfeito.

No outro dia, saíram todos dois com as ovelhas. Andavam ao pé da estrada. Passa o padre. Assim que passou ao pé do Domingos:

— Adês, Domingos Ovelha.

Ele olhou logo prã mulher, mas nã disse nada. Diz ela assim:

— Adês, padre amado,/estragador dos meus lençóis,/pai da minha Francisquinha,/não quero que chames ao meu marido Domingos Ovelha,/chama Domingos Cornelha,/que tem um corno retorcido por cima da orelha.

Bem, ela deu-lhe esta mão d'assabão ao padre.

Veio para casa, diz ele assim:

— Ai, diab'alma, tu destes-lhe uma mão d'assabão, que s'ele tiver vergonha há-de s'emendar. Já nunca m'ele chama Domingos Ovelha.

Diz ela:

— Ê nã te disse, ê nã te disse que lhe dava uma mão d'assabão qu'ele ficava com a cara ao lado? Olha, daqui a munto nã vem ele cá.

Bom, veio ali ao fim d'oito dias, quando era o dia d'ele vir cá a casa da comadre, pra l'ela apresentar o manjar por diente. Faltou nesse dia. Diz o Domingos Ovelha:

— Olha lá, mulher, tu arrumaste-le carga demais, que o compadre nã vem cá!

— Pois é nã te disse logo, homem, tu nã acreditavas no que t'ê
dezia. Ê disse logo: «Se o eu apanhar a talhe de foice, ele há-de m'ouvir».
Pronto, acabou.

Maria Boicinha, mulher de meia idade, sítio dos Corcitos,
f. de Querença, c. de Loulé, d. de Faro.
Ano de recolha: 1965.
Colector: M. Viegas Guerreiro.

Versão 11, da Ilha das Flores:

Um padre passava por um homenzinho e dizia:
— Adeus, Domingos Ovelha!
Ora o homem chegava a casa e dizia à mulher:
— Olha, o senhor padre chama-me Domingos Ovelha.
E ela disse:
— Olha, a primeira vez vais estares à janela. A primeira vez que
ele venha a passar acolá, em baixo (era uma ladeira grande), tu pegas-me
às costas e a gente vamos ao encontro do senhor padre.
Bom, estava à janela e o padre para cima e ele disse:
— Ó, salta.
E ela salta às costas dele e chega ao pé do padre e disse:
— Padre do má padre,
mosquito do meu vinho,
pai do meu Joãozinho,
para que é que chamas Domingos Ovelha ao meu marido?
Porque é que não chamas logo corno torcido por trás das orelhas?
E o padre dá-se em rir e ele pega-lhe às costas e traz-a para cima.
Depois chega e então dizia:
— Eh pá, se fosse mulher minha, eu dava-lhe um estouro na
estrada, que eu acabava com ela.

António Grade, 66 anos, trabalhador rural, analfabeto, lugar
de Caveira, ilha açoriana das Flores.
Ano de recolha: 1977.
Colector: António Caetano Ramos, aluno do curso de Geo-
grafia da Faculdade de Letras de Lisboa.

* * *

A outra versão de S. Veríssimo de Valbom:

Há uma outra versão, ainda: foi certo homem para o Brasil e
deixou a mulher em Valbom com quatro filhos. Ao fim de alguns anos
voltou e encontrou o número de filhos acrescido do quinto. Fez que

não notou o aumento. Um domingo foram a uma festa ⁽³⁰⁾. Enquanto lá passeavam, viu o amante e fingiu estar muito incomodada da cabeça, para que não tivesse de dar de cara com ele, que certamente a cumprimentaria, acompanhada como ia e por quem.

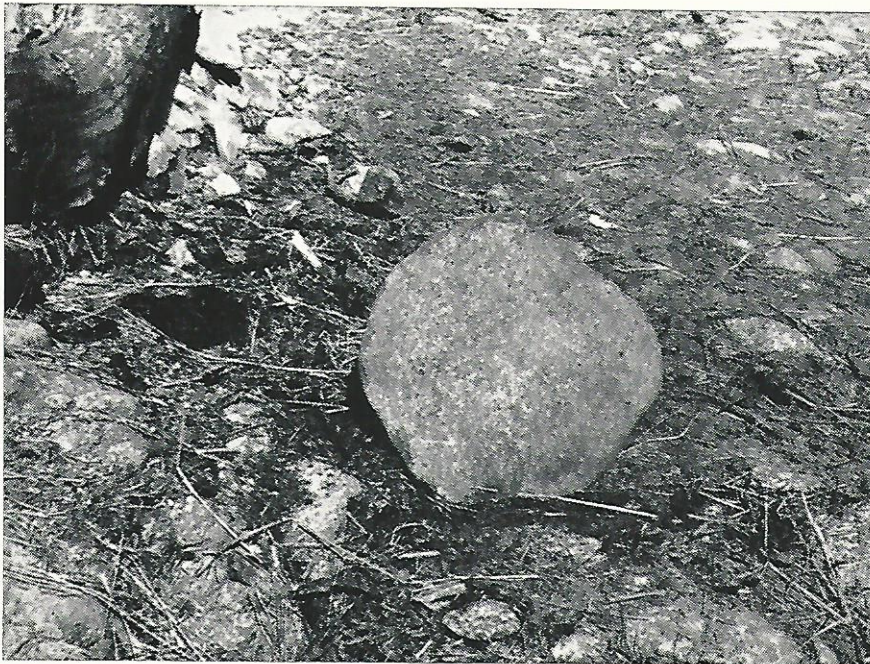
Comunicou ao marido a doença suposta, e este, julgando que ela já não resistia até casa por seu pé, mandou-a pôr-se-lhe às costas e assim a levou embora através do arraial. Livre do perigo do encontro e sem incómodo algum, que ali nunca o teve, ia ela quando viu na berma do caminho umas lousas que apanhou logo, obrigando o marido a parar. E, cantando a meia voz, com as mãos e as lousas em posição de músico que faz tanger os *pratos* em coreto, dizia:

— «O meu marido é honrado e nobre;
Quando foi, deixou quatro,
Quando voltou, encontrou nove.
Louvemos a Deus e a todos os Santos
Que nunca me perguntou
Donde me vieram tantos.
Louvemos a Deus em todas as coisas,
Que me leva a mim e mais as lousas».

⁽³⁰⁾ O povo até diz que era a festa da *Senhora da Conceição* na *Capela da Conceição*, um lugar na raia da freguesia.

anto
eça,
um-

ela
s e
ntro
na
ido
ção



Pedra do bolo, estorvando mais do que servindo...

a